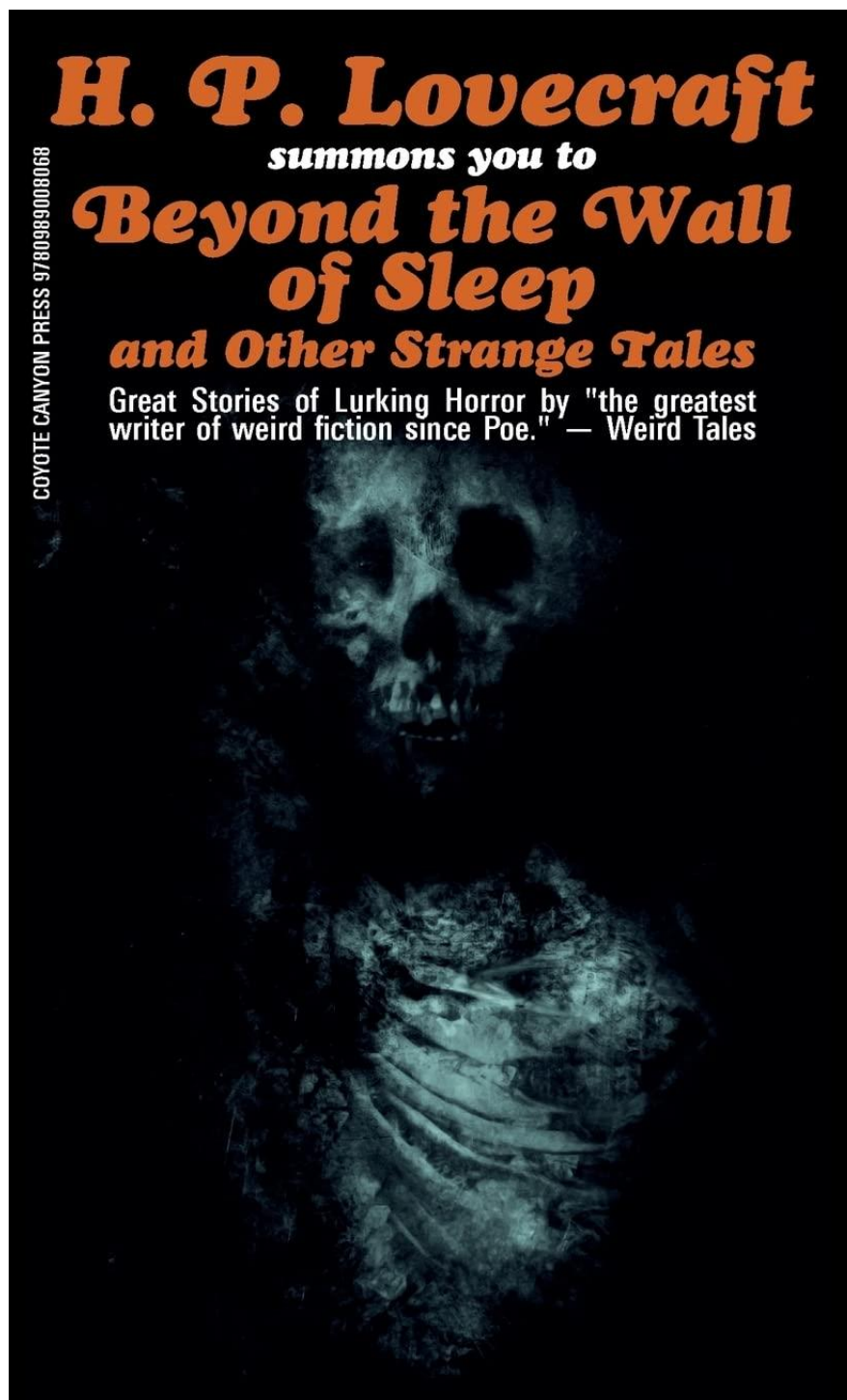


# Além da barreira do sono

H. P. Lovecraft – Obra publicada em Outubro de 1919



Muitas vezes me perguntei se a maioria dos homens alguma vez parou para refletir sobre a ocasionalmente titânica relevância dos sonhos e do mundo obscuro ao qual pertencem. Enquanto a maior parte de nossas visões noturnas sejam, talvez, nada além de tênues e

fantásticos reflexos de nossas experiências em vigília – em oposição a Freud, com seu simbolismo pueril – ainda existem certos lembretes de que seu caráter etéreo e imundano não aceita interpretações ordinárias, e cujo efeito vagamente estimulante e perturbador evoca eventuais vislumbres ínfimos de uma esfera de existência mental tão importante quanto a vida física, ainda que separada dela por uma barreira absolutamente intransponível.

De minha experiência, não posso duvidar que os homens, quando perdidos da consciência terrestre, estão de fato residindo temporariamente em uma vida distinta e incorpórea, de natureza muitíssimo discrepante da vida que conhecemos, e da qual apenas as mais tênues e indistintas memórias persistem após despertarmos. Dessas fragmentárias e indistintas memórias, muito podemos inferir, mas pouco provar. Podemos deduzir que na vida dos sonhos, a matéria e a vitalidade, tais como a Terra as conhece, não são necessariamente constantes, e que o tempo e o espaço não existem como nossos eus despertos os compreendem. Por vezes, creio que esta vida menos material é a nossa vida mais real, e que nossa vã presença no globo terráqueo é ela própria secundária, ou meramente um fenômeno virtual.

Foi de um sonho jovial, repleto de especulações desta sorte que me levantei em uma tarde no inverno de 1900-1901, quando foi trazido à instituição psicopática estatal, na qual eu servia, o homem cujo caso incessantemente me assombra desde então. Seu nome, conforme consta dos autos, era Joe Slater, ou Slader, e sua aparência era aquela do típico habitante da região das montanhas de Catskill: um daqueles insólitos e repelentes herdeiros de uma estirpe de camponeses coloniais, cujo isolamento por quase três séculos no bastião montanhoso do pouco visitado interior fez com que fossem reduzidos a uma espécie de degeneração bárbara, em vez de progredirem com seus semelhantes mais afortunadamente localizados em distritos mais povoados. Entre este povo singular, que corresponde exatamente ao

decadente elemento do “lixo branco” do Sul, leis e morais são inexistentes, e sua condição mental geral está provavelmente abaixo de qualquer outro povo nativo americano.

Joe Slater, que veio à instituição sob a vigilante custódia de quatro oficiais da polícia do estado, e que foi descrito como um tipo altamente perigoso, certamente não demonstrou evidências de suas perigosas intenções quando o vi pela primeira vez. Embora fosse de estatura bem acima da média, e de estrutura um tanto corpulenta, passava a absurda aparência de uma estupidez inofensiva, por causa do pálido e sonolento azulado de seus olhos, pequenos e lacrimejantes, da escassez de sua muda de barba amarela, negligenciada e nunca feita, e de seu pesado lábio inferior, descaído de maneira inerte. Não se sabia sua idade, já que entre sua laia, não existem nem registros, nem linhagem. Mas pela calvície da frente de sua cabeça, e da condição deteriorada de seus dentes, o cirurgião-chefe o registrou como um homem de cerca de quarenta anos.

A partir dos arquivos médicos e jurídicos, coletamos todas as informações possíveis sobre o seu caso: este homem, um vagabundo, caçador e armadilheiro, sempre fora excêntrico aos olhos de seus primitivos colegas. Ele habitualmente dormia além do horário convencional à noite, e ao acordar, costumava falar de coisas misteriosas de uma maneira tão bizarra, que inspirava medo até mesmo nos corações de uma população desprovida de imaginação. Não que seu modo de falar fosse de maneira alguma incomum, pois ele nunca falava senão no degenerado dialeto de seu ambiente. Mas o tom e o teor do que dizia era de tamanha e insondável brutalidade, que ninguém era capaz de ouvi-lo sem apreensão. Era frequente que ele mesmo se encontrasse tão aterrorizado e estupefato quanto seus auditores, e uma hora depois de acordar, se esquecia de tudo que havia dito, ou pelo menos de tudo que o havia feito dizer o que disse, regressando a uma normalidade bovina, bem afável como a dos outros caipiras.

Conforme Slater envelhecia, suas perturbações matinais pareciam aumentar gradualmente, em frequência e violência, até que cerca de um mês antes de sua chegada à instituição havia ocorrido a tragédia chocante que causou sua prisão pelas autoridades. Certa vez, perto do meio-dia, após um sono profundo iniciado em uma embriaguez de uísque por volta das cinco da tarde anterior, o homem havia despertado de repente, com ululações tão horríveis e sobrenaturais que atraíram diversos vizinhos à sua cabana, uma pocilga imunda onde vivia com uma família tão indescritível quanto ele próprio. Correndo em direção à neve, havia atirado seus braços para o alto e começado uma série de saltos diretamente para cima no ar, tudo isso enquanto gritava sobre sua determinação em alcançar uma “grande, grande cabana, com brilho no telhado e muros e chão, e a música alta e estranha bem longe”. Enquanto dois homens de tamanho razoável tentavam contê-lo, ele se debatia com força e fúria maníacas, gritando seu desejo e sua necessidade de encontrar e matar uma certa “coisa que brilha, e sacode, e ri”. Por fim, depois de derrubar temporariamente um de seus detentores com um súbito golpe, lançou-se sobre o outro em um êxtase demoníaco de sanguinolência, com um agudo e diabólico grito de que iria “pular alto no ar e queimar seu caminho através de qualquer coisa que o parasse”.

Família e vizinhos agora haviam fugido em pânico, e quando os mais corajosos entre eles regressaram, Slater havia partido, abandonando algo como uma massa irreconhecível que havia sido um homem vivo, não mais que uma hora antes. Nenhum dos montanhistas ousou persegui-lo, e é provável que teriam festejado sua morte pelo frio. Mas quando algumas manhãs depois, ouviram seus gritos vindos de uma ravina distante, perceberam que ele de alguma forma havia conseguido sobreviver, e que sua remoção de uma forma ou de outra seria necessária. Então, seguiu uma equipe de busca armada, cujo propósito, qualquer que tenha sido originalmente, tornou-se do pelotão do xerife, após um dos raramente populares policiais

estaduais ter observado por acidente, então questionado, e finalmente se juntado aos buscadores.

No terceiro dia, Slater foi encontrado inconsciente no oco de uma árvore, e levado para a prisão mais próxima, onde alienistas de Albany o examinaram assim que ele recobrou os sentidos. A eles, contou uma história simples. Ele havia ido dormir uma tarde, como disse, por volta do horário do pôr do sol, após beber muito. Havia acordado e se viu parado na neve, com as mãos ensanguentadas diante de sua cabana, com o corpo mutilado de seu vizinho Peter Slader em seus pés. Horrorizado, fugiu para a floresta, um esforço vão de escapar da cena do que devia ter sido seu crime. Além dessas coisas, ele parecia não saber de nada, nem mesmo o hábil questionamento de seus interrogadores pôde extrair um fato adicional que fosse.

Naquela noite, Slater dormiu tranquilamente, e na manhã seguinte, acordou sem nenhuma característica singular, exceto uma certa alteração em suas feições, o doutor Barnard, que estava observando o paciente, pensou ter visto nos pálidos olhos azuis um certo brilho de natureza peculiar, e nos lábios flácidos, um estreitamento quase imperceptível, como que desenhado por uma inteligente determinação. Mas quando interrogado, Slater regressava à habitual inanidade do montanhês, e apenas reiterava o que havia dito no dia anterior.

Na terceira manhã, ocorreu a primeira de três crises mentais do homem. Após demonstrar certa inquietação em seu sono, ele irrompeu em um frenesi tão violento que os esforços de quatro homens combinados foram necessários para prendê-lo em uma camisa de força. Os alienistas ouviram com muita atenção às suas palavras, já que a curiosidade deles havia sido profundamente aguçada pelas histórias evocativas, mas sobretudo conflitantes e incoerentes de sua família e vizinhos. Slater delirou por mais de quinze minutos, balbuciando seu dialeto sertanejo sobre edifícios verdes de luz, oceanos de espaço, música estranha e vales e montanhas

sombrios. Mas acima de tudo, demorou-se ao descrever uma misteriosa entidade fulgurante que sacodia, ria e zombava dele. Essa vasta e vaga personalidade parecia tê-lo ofendido terrivelmente, e matá-la em uma triunfante vingança era seu desejo primordial. Para realizá-lo, disse que alçaria voo através de abismos de vacuidade, queimando cada obstáculo que se encontrasse em seu caminho. Assim procedeu seu discurso, até que, de modo extremamente repentino, cessou. O fogo da insanidade morreu em seus olhos, e em tacanha admiração olhou para seus interrogadores e perguntou por que estava amarrado. O doutor Barnard desafivelou o cinto de couro e não o colocou novamente até a noite, quando teve êxito em persuadir Slater a usá-lo de livre e espontânea vontade, para seu próprio bem. O homem agora havia admitido que às vezes falava de um jeito estranho, embora não soubesse o porquê.

Dentro de uma semana, mais duas crises ocorreram, mas os médicos aprenderam pouco com elas. Sobre a fonte das visões de Slater, especularam amplamente, pois uma vez que ele não sabia ler nem escrever, e parecia nunca ter ouvido nenhuma lenda ou conto de fadas, seu simbolismo fantástico era quase que inexplicável. Havia ficado claro que ele não poderia ter vindo de nenhum mito ou conto, pelo fato de que o lunático infeliz se expressava unicamente em sua maneira simplória. Ele delirava com coisas que não entendia e não conseguia interpretar, coisas que ele dizia ter vivenciado, mas que não podia ter conhecido por meio de nenhuma narrativa normal ou coerente. Os alienistas logo concordaram que sonhos anormais eram a base do problema. Sonhos cuja vivacidade poderiam dominar por completo durante algum tempo a mente desperta deste homem fundamentalmente inferior.

Com a devida formalidade, Slater foi julgado por homicídio, absolvido por insanidade, e alocado na instituição onde eu tinha um humilde cargo.

Eu disse que sou um incessante especulador sobre a vida nos sonhos, e por isso você pode estimar a avidez com a qual me dediquei ao estudo do novo paciente assim que averigui com detalhes os fatos de seu caso. Ele parecia sentir uma certa simpatia por mim, nascida sem dúvidas do interesse que eu não conseguia ocultar, e da maneira gentil que o questionava. Não que ele alguma vez houvesse me reconhecido durante seus acessos, quando me debruçava sobre suas caóticas, mas cósmicas palavras-imagem. Mas ele me reconhecia em seus momentos de tranquilidade, quando se sentava ao lado de sua janela barrada, trançando cestos de palha e salgueiro, e possivelmente suspirando pela liberdade das montanhas que nunca mais desfrutaria. Sua família nunca buscou visitá-lo. Era provável que tivessem encontrado outro líder temporário, segundo os modos do povo decadente das montanhas.

Aos poucos, comecei a sentir uma extraordinária admiração pelas insanas e fantásticas concepções de Joe Slater. O homem em si era lastimavelmente inferior, tanto na mentalidade como no modo de falar. Mas suas visões, resplandecentes e titânicas, embora descritas em um jargão bárbaro e desarticulado, eram coisas que apenas um cérebro superior, ou até mesmo excepcional, poderia conceber. Como, perguntava-me com frequência, poderia a estólida imaginação de um degenerado de Catskill conjurar paisagens cuja mera possessão sugere a oculta centelha de um gênio? Como é que um bronco sertanejo pode ter obtido uma noção que fosse daqueles brilhantes reinos de espaço e radiância supernais sobre os quais Slater vociferava em seu furioso delírio? Cada vez mais eu tendia a acreditar que na personalidade lamentável que se encolhia diante de mim, estava o núcleo perturbado de algo além da minha compreensão. Algo infinitamente além da compreensão dos meus mais experientes, porém menos imaginativos, colegas médicos e cientistas.

Ainda assim, não consegui extrair nada de concreto do homem. A totalidade de minha investigação foi que em uma espécie de vida-

sonho semicorpórea, Slater vagou, ou flutuou, em meio a resplandecentes e prodigiosos vales, pradarias, jardins, cidades e palácios de luz, em uma região desvinculada e desconhecida aos homens. Que lá, ele não era um camponês nem um degenerado, mas uma criatura de importância e de vida intensas, circulando ativa e predominantemente, e afrontado apenas por certo inimigo mortal, que parecia ser um ente de estrutura etérea, mas visível, e que não aparentava ter forma humana, já que Slater nunca se referiu a ele como um homem, ou nada além de uma coisa. Esta coisa havia causado alguma terrível porém desconhecida ofensa a Slater, pela qual o maníaco, se é que ele era um, ansiava por vingar-se.

Da forma pela qual Slater aludia aos seus contatos, determinei que ele e a coisa luminosa haviam se encontrado de igual para igual. Pois em sua existência onírica o próprio homem era uma coisa luminosa, da mesma raça que seu inimigo. Essa impressão foi sustentada por suas frequentes referências a voar pelo espaço e queimar todas as coisas que impediam seu avanço. Ainda assim, estes conceitos foram formulados em palavras rústicas, absolutamente inadequadas para exprimi-las, uma circunstância que me levou à conclusão de que se um mundo onírico realmente existisse, a linguagem oral não seria o meio para a transmissão de pensamento. Poderia ser que a alma onírica, habitando este corpo inferior, estivesse desesperadamente lutando para dizer coisas que a língua simplória e hesitante da estupidez não pudesse proferir? Poderia ser que eu estive face a face com emanções intelectuais tais que explicariam o mistério, se eu pudesse apenas aprender a decifrá-las e lê-las? Eu não contei aos médicos mais velhos sobre essas coisas, pois a meia-idade é cética, cínica e relutante em aceitar novas ideias. Além disso, o chefe da instituição havia recentemente me alertado, com seu jeito paternal, que eu estava trabalhando demais, que minha mente precisava de um descanso.

Há muito tempo sustento a crença de que o pensamento humano consiste basicamente em movimento atômico ou molecular,



transmutável em ondas de éter ou energia radiante como calor, luz e eletricidade. Essa crença logo me levou a contemplar a possibilidade de telepatia ou comunicação mental, por meio de um instrumento adequado, e preparei, em meus dias de faculdade, um conjunto de instrumentos de transmissão e recepção um tanto quanto similares aos desengonçados dispositivos empregados em telegrafia sem fio no primitivo período pré-rádio. Testei estes com um colega, mas não atingindo nenhum resultado, logo os encaixotei com outras bugigangas científicas para possível uso futuro.

Agora, em meu intenso desejo de sondar a vida onírica de Joe Slater, recorri mais uma vez a esses instrumentos, e passei vários dias reparando-os para a ação. Quando prontos novamente, não perdi as oportunidades para sua experimentação. A cada explosão de violência de Slater, eu colocava o transmissor em sua testa, e o receptor na minha, constantemente fazendo ajustes delicados para diversos comprimentos de onda hipotéticos de energia intelectual. Eu tinha apenas uma pequena noção de como as impressões dos pensamentos iriam, se transmitidas com sucesso, suscitar uma resposta inteligente em meu cérebro, mas tinha certeza de que poderia detectá-las e interpretá-las. Assim, segui com meus experimentos, embora sem informar ninguém de sua natureza.

Foi no dia 21 de fevereiro de 1901 que o episódio ocorreu. Quando olho para trás ao longo dos anos, percebo o quão irreal ele parece, e às vezes pergunto-me se o velho doutor Fenton não estava certo quando atribuiu tudo à minha eufórica imaginação. Lembro-me que ouviu com muita bondade e paciência quando contei a ele, mas depois deu-me um polvilho para os nervos e providenciou as férias de meio ano para as quais parti na semana seguinte.

Naquela fatídica noite, eu estava demasiado agitado e perturbado, pois apesar do excelente cuidado que havia recebido, Joe Slater estava inequivocamente morrendo. Talvez tenha sido a liberdade montanhosa que perdeu, ou talvez a perturbação em seu cérebro

tinha se tornado intensa demais para o seu físico bastante débil, mas em todo o caso, a chama da vitalidade tremeluziu sem forças naquele corpo decadente. Estava sonolento, perto do fim, e enquanto anoitecia, caiu em um sono conturbado.

Eu não amarrei a camisa de força, como era costume quando ele dormia, uma vez que percebi que ele estava fraco demais para ser perigoso, mesmo se acordasse em um distúrbio mental mais uma vez antes de falecer. Mas coloquei as duas extremidades do meu “rádio” cósmico em sua cabeça e na minha, sustentando a tênue esperança de uma primeira e última mensagem do mundo onírico no breve tempo que restava. Na cela conosco estava um enfermeiro, uma pessoa medíocre que não entendia o propósito do instrumento, nem pensou em indagar sobre meu procedimento. Com o passar das horas, vi a cabeça dele pender desajeitadamente pelo sono, mas não o incomodei. Eu mesmo, embalado pela respiração ritmada do homem saudável e do moribundo, devo ter cochilado um pouco depois.

O som de uma bizarra melodia lírica foi o que me despertou. Acordes, vibrações e êxtases harmônicos ecoavam ardentemente por toda parte, enquanto em minha visão enlevada irrompia o espetáculo magnífico de incomparável beleza. Paredes, colunas e arquivases de chamas intensas ardiam fulgurantes em torno do ponto onde eu parecia flutuar no ar, me estendendo para o alto até um domo abobadado de elevação infinita e esplendor indescritível. Fundindo-se a essa demonstração de magnificência suntuosa, ou ainda, suplantando-a por vezes em uma rotação caleidoscópica, havia lampejos de amplas planícies e graciosos vales, elevadas montanhas e convidativas grutas, cobertas com cada um dos encantadores atributos da paisagem que meus maravilhados olhos podiam conceber, embora fossem inteiramente constituídas de alguma substância cintilante, etérea e maleável, cuja consistência possuía características tanto de espírito quanto de matéria. Enquanto observava fixamente, percebi que meu próprio cérebro detinha a

chave para essas fascinantes metamorfoses, pois cada paisagem que se apresentava diante de mim era aquela que minha mente inconstante mais desejava contemplar. Em meio a este reino paradisíaco, residi não como um estranho, pois cada cena e som me eram familiares. Assim como havia sido por incontáveis éons de eternidade anteriormente, e seria por tantas eternidades vindouras.

Então, a aura resplandecente de meu irmão de luz aproximou-se e teve comigo, de alma para alma, uma troca silenciosa e perfeita de pensamentos. O momento era de triunfo iminente, pois não estaria minha entidade semelhante escapando, por fim, de uma degradante e contínua servidão? Escapando para sempre, e preparando-se para seguir seu amaldiçoado opressor até os mais longínquos campos do éter, para que sobre ele pudesse recair flamejante e cósmica vingança, tal que poderia abalar os firmamentos? Assim, flutuamos por um momento, quando percebi um leve embaçamento e descoloração dos objetos ao nosso redor, como se alguma força nos estivesse enviando de volta à Terra, para onde eu menos desejava ir. A forma próxima a mim pareceu também sentir uma mudança, pois ela gradualmente trouxe seu discurso a uma conclusão, e se preparou para deixar o local, desaparecendo da minha vista em um ritmo ligeiramente mais rápido do que os outros objetos. Trocamos mais alguns pensamentos, e soube que o ser luminoso e eu estávamos sendo enviados de volta à servidão, embora para meu irmão de luz, esta teria sido a última vez. Com sua deplorável casca terrena já quase exaurida, em menos de uma hora, meu companheiro estaria livre para caçar seu opressor ao longo da Via Láctea, além das estrelas mais próximas até os extremos confins do infinito.

Um choque evidente separa minha impressão final do espetáculo de luzes que se apagava diante de meu abrupto, e um tanto envergonhado, despertar e endireitar-me em minha cadeira, enquanto via o corpo moribundo se mover vacilante no divã. Joe Slater estava de fato acordando, embora provavelmente pela última

vez. Quando olhei com mais atenção, vi que em seu rosto lívido luziam manchas de cor que nunca estiveram presentes antes. Os lábios também pareciam incomuns, encontrando-se firmemente comprimidos, como se por força de uma natureza mais poderosa que a de Slater. Seu rosto começou a tensionar por completo, e sua cabeça se revirava irrequieta com os olhos fechados.

Eu não despertei o enfermeiro que dormia, mas reajuste a faixa levemente desregulada do meu “rádio” telepático, decidido a captar qualquer última mensagem que o sonhador pudesse ter para transmitir. De uma só vez, sua cabeça se virou bruscamente em minha direção e seus olhos se abriram, fazendo com que eu o fitasse em pálida estupefação. O homem que havia sido Joe Slater, o decadente de Catskill, estava me encarando fixamente com um par de olhos luminosos e arregalados, cujo azul parecia ter sutilmente se aprofundado. Não se via degeneração nem mania naquele olhar, e senti, sem dúvidas, que estava encarando um rosto atrás do qual jazia uma mente ativa de alta ordem.

Neste momento, meu cérebro tomou conhecimento de uma influência externa constante operando sobre si. Fechei meus olhos para concentrar meus pensamentos mais profundamente e fui recompensado pelo conhecimento categórico de que minha tão procurada mensagem havia, por fim, chegado. Cada ideia transmitida formou-se rapidamente em minha mente, e embora nenhum idioma fosse de fato empregado, minha associação habitual de conceito estava tão elevada, que eu parecia receber a mensagem em meu idioma comum.

– Joe Slater está morto – emergiu a voz que congelou minha alma, oriunda de uma força vinda de além da barreira do sono. Meus olhos arregalados buscaram uma expressão de dor com curiosa aversão, mas os olhos azuis ainda me fitavam calmamente, e o semblante ainda se encontrava em penetrante animação. – Ele é mais útil morto, pois era inadequado para portar o intelecto ativo de uma entidade

cósmica. Seu corpo rudimentar não conseguiu passar pelos ajustes necessários entre a vida etérea e a vida terrena. Ele era excessivamente animal, insuficientemente homem. Ainda assim, foi através de suas limitações que você chegou a me descobrir, pois as almas cósmicas e terrenas, com razão, nunca deveriam se encontrar. Ele tem feito parte de meu tormento e de minha prisão diurna por quarenta e dois de seus anos terrestres.

Sou uma entidade similar a que você mesmo se torna na liberdade do sono sem sonhos. Sou seu irmão de luz, e flutuei com você nos vales fulgurantes. Não me é permitido contar ao seu eu terrestre sobre seu verdadeiro eu, mas somos todos nômades de vastos espaços e viajantes em muitas eras. No próximo ano, posso residir no Egito que você chama de antigo, ou no cruel império de Tzan Chan, que surgirá dentro de três mil anos. Você e eu vagueamos até os mundos que volteiam a vermelha Arcturo, e habitamos os corpos dos insetos-filósofos que rastejam orgulhosamente sobre a quarta lua de Júpiter. Quão pouco a própria Terra sabe sobre a vida e sua dimensão! Quão pouco, de fato, deveria saber para sua própria tranquilidade!

Sobre o opressor, não posso falar. Vocês na Terra inconscientemente sentiram sua presença distante. Vocês que, sem saber, deram de maneira indolente ao farol cintilante o nome de Algol, a Estrela Demônio. Foi para encontrar e derrotar o opressor que lutei em vão por éons, contido por entraves corpóreos. Esta noite, parto como uma nêmesis, portando a ardente e justa vingança cataclísmica. Observa-me no céu próximo à Estrela Demônio.

Não posso mais falar, pois o corpo de Joe Slater torna-se frio e rígido, e seu cérebro rudimentar está cessando de vibrar como desejo. Você foi meu único amigo neste planeta, a única alma a me detectar e me buscar dentro da forma repulsiva que jaz neste divã. Nos encontraremos novamente, talvez nas brumas reluzentes da Espada de Órion, talvez em um desolado planalto na Ásia pré-histórica, talvez

em sonhos olvidados esta noite, talvez em alguma outra forma em um éon vindouro, quando o sistema solar tiver sido varrido.

Neste ponto, as ondas-pensamento cessaram abruptamente, os pálidos olhos do sonhador – ou posso dizer do defunto? – começaram a vidrar como os de um peixe. Em um semiestupor, cruzei a sala até o divã e senti seu pulso, mas encontrei-o frio, rígido e sem pulso. O rosto lívido empalideceu outra vez, os lábios grossos se separaram, revelando as presas repulsivamente apodrecidas do degenerado Joe Slater. Senti um arrepio, estirei um cobertor sobre o rosto medonho, e acordei o enfermeiro. Então deixei a cela e parti em silêncio até meu quarto. Senti uma avidez instantânea e inexplicável por um sono cujos sonhos não deveria lembrar.

O clímax? Que relato banal da ciência pode exibir tal efeito retórico? Limitei-me a apresentar certas coisas que entendo como fatos, permitindo que você as interprete como quiser. Como já admiti, meu superior, o velho doutor Fenton, nega a veracidade de tudo que relatei. Ele jura que eu estava combalido por uma sobrecarga de nervos, e que precisava seriamente de longas férias remuneradas, que ele tão generosamente me concedeu. Ele me jura sobre sua honra profissional que Joe Slater era nada além de um reles paranoico, cujas ideias fantásticas devem ter vindo dos rudimentares contos folclóricos que circulavam até mesmo nas mais decadentes das comunidades. Ainda que ele me diga tudo isso, não consigo esquecer o que vi no céu na noite seguinte à morte de Slater. Para que não pense que sou uma testemunha tendenciosa, outra pena deve acrescentar este testemunho final, que talvez possa fornecer o clímax que você espera. Vou citar o seguinte relato da estrela Nova Persei verbatim das páginas da eminente autoridade astronômica, o Professor Garrett P. Serviss:

Em 22 de fevereiro de 1901, uma estrela extraordinária, não muito distante de Algol, foi descoberta pelo doutor Anderson de Edimburgo. Nenhuma estrela era visível naquele ponto antes. Em vinte e quatro

horas a estrela desconhecida havia se tornado tão brilhante que ofuscou Capella. Em uma semana ou duas, ela havia se apagado visivelmente, e no decorrer de poucos meses mal se podia discerni-la a olho nu.

